



INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS-ILL

CURSO DE LETRAS- LÍNGUA INGLESA

MARIA RÉGILA PESSÔA DOS SANTOS

**TRADUÇÃO AUDIOVISUAL, ACESSIBILIDADE E CULTURA: O PAPEL DA
AUDIODESCRIÇÃO (AD) E LEGENDAGEM (LSE) COMO FONTE DE ACESSO
AO PÚBLICO DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM (MIS) EM FORTALEZA-CE**

REDENÇÃO-CE

2025

MARIA RÉGILA PESSÔA DOS SANTOS

TRADUÇÃO AUDIOVISUAL, ACESSIBILIDADE E CULTURA: O PAPEL DA
AUDIODESCRIÇÃO (AD) E LEGENDAGEM (LSE) COMO FONTE DE ACESSO AO
PÚBLICO DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM (MIS) EM FORTALEZA-CE

Monografia submetida à Coordenação do
Curso de Licenciatura em Letras - Língua
Inglesa da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
como requisito parcial para obtenção do grau
de licenciado em Letras.

Área de pesquisa: Estudos da Tradução

Coorientador: Prof. Dra. Cláudia Regina
Rodrigues Calado

REDENÇÃO-CE

2025

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Santos, Maria Régila Pessoa dos.

S236t

Tradução audiovisual, acessibilidade e cultura: o papel da audiodescrição AD e legendagem LSE como fonte de acesso ao público do Museu da Imagem e do Som MIS em Fortaleza-CE / Maria Régila Pessoa dos Santos. - Redenção, 2025.
40f: il.

Monografia - Curso de Letras - Língua Inglesa, Instituto de Linguagens e Literaturas, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2025.

Orientador: Profa. Dra. Cláudia Regina Rodrigues Calado.

1. Tradução audiovisual. 2. Acessibilidade. 3. Cultura. I.
Título

CE/UF/BSP

CDD 069.17

MARIA RÉGILA PESSÔA DOS SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado à Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(Unilab) como parte dos requisitos para a obtenção
do Título de Licenciada em Letras - Língua
Inglesa, sob a orientação da Prof. Dra. Cláudia
Regina Rodrigues Calado

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Cláudia Regina Rodrigues Calado (Orientadora)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Prof. Dr. João Luiz Teixeira de Brito (Examinador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

Prof. Dr. Tiago Martins da Cunha (Examinador)
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me conceder força, sabedoria e serenidade em todos os momentos dessa caminhada.

Agradeço, com todo meu amor e saudade, a minha Mãe, que mesmo não estando presente fisicamente, continua sendo minha fonte de Luz. Sua lembrança me fortalece e me motiva a seguir em frente sempre.

Ao meu Pai, homem de muita coragem, humilde e trabalhador, que nunca mediu esforços em me ajudar. Sem seu apoio, não seria possível essa conquista.

Aos meus irmãos, que mesmo não estando tão presentes, me ajudaram muito. De forma especial, a minha irmã, que sempre me incentivou nos estudos e me encorajou.

Aos amigos que fiz ao longo da graduação. De forma carinhosa, a Marline, minha dupla desde os primeiros semestres, onde sempre me ajudou nos trabalhos acadêmicos e atividades da Bolsa-PIBID. Obrigada por tudo.

Aos amigos em geral que fiz na Unilab, que me proporcionaram bons momentos de descontração, risadas sinceras e ajuda nos estudos.

Ao meu companheiro, Eduardo. Você esteve presente desde o início, me ajudou muito nos momentos de frustrações e crises.

Agradeço aos meus professores do curso. De forma especial à minha orientadora, Profa. Dra. Cláudia Calado e meu coordenador da Bolsa-PIBID, Prof. Dr. João Luiz, presente em todos os momentos da graduação.

À todos que fizeram parte deste percurso. Meu eterno agradecimento.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar conceitos fundamentais da Tradução Audiovisual (TAV), aprofundando mais especificamente sua subárea, a Tradução Audiovisual Acessível (TAVA), nas modalidades de Audiodescrição (AD) e Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE), como fonte de acesso para o público com deficiência no Museu da Imagem e do Som (MIS) em Fortaleza-CE. Para situar os assuntos, trabalhei também com a tradução intersemiótica devido ao fato de que é uma área que está diretamente ligada a essas questões de transmutação de signos, ou seja, linguagens verbais para uma linguagem não verbal. No que tange às constantes revoluções tecnológicas, comunicacionais e de direitos iguais, é imprescindível discutirmos sobre acessibilidade cultural. Segundo a Lei Brasileira nº 14.835/2024 do Governo Brasileiro, a cultura é reconhecida como um direito fundamental do ser humano e, ligado a ela, a Lei Brasileira de Inclusão de Pessoas com Deficiência (LBI) nº 13.146/2015, também conhecida como Estatuto da pessoa com deficiência, trata de forma clara, em seu artigo 42, da garantia de acessibilidade à cultura, à comunicação e à informação. Tendo em mente que pesquisas relacionadas à LSE são consideradas relativamente novas, e discutir também o acesso a conteúdos audiodescritos é um meio de inclusão social, a presente pesquisa buscou contribuir com a difusão de informações sobre essas traduções audiovisuais. Em termos metodológicos, a pesquisa baseou-se em revisão bibliográfica para abordar os assuntos mais gerais e análises de entrevistas realizadas. Dentro desse cenário analisado, foi perceptível a necessidade de haver políticas públicas voltadas para a execução de garantia de acessibilidade no museu, não apenas na questão do audiovisual, mas na infraestrutura dos prédios e que as barreiras existentes não estão relacionadas à falta de verbas, mas à ausência de uma coordenação de acessibilidade empenhada em garantir a execução de melhorias. As respostas obtidas revelam que os funcionários percebem essa lacuna de gestão e têm ciência das adequações necessárias.

Palavras-chave: Tradução; Audiodescrição; Legendagem; Acessibilidade cultural.

ABSTRACT

The present research aims to present fundamental concepts of Audiovisual Translation (AVT), focusing more specifically on its subarea, Accessible Audiovisual Translation (AAVT), in the modalities of Audio Description (AD) and Subtitling for the Deaf and Hard of Hearing (SDH), as a source of access for people with disabilities at the Museum of Image and Sound (MIS) in Fortaleza, Brazil. To contextualize these topics, I also worked with intersemiotic translation, since it is an area directly connected to issues of the transmutation of signs, that is, verbal language into non-verbal language. In light of constant technological, communicational, and equal rights advancements, discussing cultural accessibility becomes essential. According to Brazilian Law No. 14,835/2024, culture is recognized as a fundamental human right, and connected to this, the Brazilian Law on the Inclusion of Persons with Disabilities (LBI) No. 13,146/2015, also known as the Brazilian Disability Statute, clearly states in Article 42 the guarantee of accessibility to culture, communication, and information. Considering that research related to SDH is relatively new, and that discussing access to audio-described content is also a means of social inclusion, this study sought to contribute to the dissemination of information about these audiovisual translation modalities. Methodologically, the research was based on a literature review to address broader topics and on analyses of interviews conducted. Within this context, it became evident that there is a need for public policies aimed at ensuring accessibility in the museum not only regarding audiovisual resources, but also in the building's infrastructure and that existing barriers are not related to a lack of funding, but rather to the absence of an accessibility coordination team committed to implementing improvements. The responses revealed that the staff recognize this managerial gap and are aware of the necessary adjustments.

Keywords: Translation; Audio description; Captioning; Cultural accessibility.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Caracteres por segundo <i>versus</i> quadro nas velocidades de 145, 160 e 180 palavras por minutos.....	23
----------	---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Formato das legendas em telas.....	22
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

AD	Audiodescrição
LSE	Legendagem para Surdos e Ensurdidos
LBI	Lei Brasileira de Inclusão de Pessoas com Deficiência
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LEAD	Legendagem e Audiodescrição
LaTAV	Laboratório de Tradução Audiovisual
MIS	Museu da Imagem e do Som
RECE	Rede Pública de Espaços e Equipamentos Culturais da Secretaria da Cultura do Ceará
TAV	Tradução Audiovisual
TAVA	Tradução Audiovisual Acessível
TI	Tradução Intersemiótica
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1	Tradução Intersemiótica.....	14
2.2	Tradução Audiovisual Acessível (TAVA).....	15
2.2.1	Audiodescrição.....	16
2.2.2	Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE)	20
2.2.2.1	<i>Parâmetros técnicos</i>	21
2.2.2.2	<i>Parâmetros linguísticos</i>	25
2.3	Acessibilidade Cultural.....	27
3	METODOLOGIA	28
3.1	Natureza da pesquisa.....	28
3.2	Corpus da pesquisa.....	29
3.3	Instrumento de coleta de dados.....	30
4	ANÁLISES E DISCUSSÕES.....	30
4.1	Análise das respostas da entrevista.....	30
4.2	Análise das respostas do formulário.....	32
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
	APÊNDICES.....	38

1. INTRODUÇÃO

As pesquisas relacionadas à tradução possuem uma trajetória bastante consolidada. Luiz, Pieper e Penante (2022, p. 2) afirmam que “desde que o campo dos Estudos da Tradução surgiu na década de 1970, a partir do texto de James Holmes sobre o nome e a natureza dessa disciplina (1972), seguido pela virada cultural nos anos 1980, surgiram questões pertinentes tanto à Literatura Comparada quanto aos Estudos da Tradução”. No contexto dessa discussão, compreende-se que falar de tradução advém de várias análises e processos formativos ao longo dos anos; isso evidencia a relevância que ela tem no repasse de informações e conhecimento entre as línguas.

Devido à diversidade e amplo campo de pesquisa relacionados, é fundamental pautar que a tradução requer além do conhecimento do elemento que vai ser traduzido, um vasto conhecimento linguístico e cultural por parte do tradutor, como afirma Oliveira (2017).

Levando como base o que cita o autor, ela se desenvolve a partir da necessidade de interação e entendimento entre as línguas distintas. E sob esse viés de ser um campo muito extenso, houve a necessidade de dividir-se em outras grandes áreas, como o caso da tradução audiovisual (TAV) e uma modalidade especializada dentro dela, a tradução audiovisual acessível (TAVa)

A luta por direito de acesso aos meios audiovisuais é uma das inúmeras causas que a comunidade surda e cega enfrentam. No que diz respeito à Tradução Audiovisual Acessível, em Audiodescrição e Legendagem para Surdos e Ensurdidos, essas traduções são elementos fundamentais para que o público com deficiência tenha acesso aos meios culturais, facilitando assim, melhor compreensão e inclusão dessas pessoas. Convém ressaltar, que essas modalidades de tradução não se limitam apenas aos indivíduos com deficiência visual e auditiva, mas garante acesso a um público maior, como por exemplo, idosos, indivíduos que são analfabetos, pessoas que possuem algum outro tipo de deficiência ou limitação.

O presente trabalho tem o intuito de mostrar como a Tradução Audiovisual Acessível (TAVa), nas modalidades de audiodescrição (AD) e legendagem para surdos e ensurdidos (LSE), influencia na acessibilidade do público do Museu da Imagem e do Som (MIS), localizado em Fortaleza-CE.

A escolha deste tema de pesquisa partiu das aulas ministradas pela Profa. Dra. Claudia Calado, membro da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, localizada no município de Redenção-CE, na disciplina de Introdução aos estudos da Tradução, no meu quinto semestre do curso de Letras-Língua

Inglesa. Em suas aulas, ela nos apresentou como o campo da tradução é amplo, técnico e possui suas particularidades e desafios. Diante disso, desde o princípio, foi uma área que me chamou bastante atenção, e juntar a questão da tradução com acessibilidade e cultura tornou o tema ainda mais instigante para pesquisar.

Pensando nisso, propomos neste trabalho compreender o papel da audiodescrição (AD) e legendagem (LSE) como fonte acessível à cultura para as pessoas com deficiência visual e auditiva, no museu da Imagem e do Som, e entender por meio dessas duas modalidades de tradução como ela contribui para o acesso do público específico.

Alguns autores desempenharam um papel fundamental na construção desta pesquisa, elevando ainda mais o grau de importância de se estudar essas modalidades de tradução audiovisual, e ajudando a entendermos como elas possibilitam o acesso a meios culturais. Como afirmam Araújo e Alves (2016), a tradução já é uma forma de facilitar e tornar acessível, porém, a tradução audiovisual acessível vai além. Ela é uma subárea que engloba vários aspectos, contextos, tudo que se relaciona ao uso de imagem e som, assuntos inter e intralinguísticos etc.

A pesquisa sobre esse assunto é bastante importante, devido à capacidade de impulsionar ainda mais a inclusão desse público, que cotidianamente já sofre bastante por sua condição e falta de acesso digno aos direitos fundamentais dos indivíduos, como o acesso a ambientes culturais.

A metodologia escolhida será uma pesquisa bibliográfica sobre o tema geral e as modalidades de tradução. Elencado ao tema, trabalharei também a tradução intersemiótica, devido ao fato de que é uma área que está diretamente ligada a essas questões de transmutação de signos, ou seja, linguagens verbais para uma linguagem não verbal. Incluirá, também, um estudo de caso, em que, através das análises de entrevistas entre funcionários e público do museu, irei coletar os dados e analisá-los.

Este artigo busca mostrar que garantir a acessibilidade cultural é um dever contínuo e requer bastante atenção. Em suma, a implementação dessas modalidades de tradução traz maior inclusão social e cultural para essas pessoas. Os recursos audiovisuais, nesses dois tipos de modalidade citados acima estão além dos materiais físicos. Abordar esse assunto é mostrar a importância e necessidade de garantir profissionais técnicos especializados e capacitados para atender da melhor forma o público específico.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção será apresentado o aporte teórico utilizado como base para pesquisa e sua análise de dados. De início de construção do trabalho é contextualizada a tradução intersemiótica (TI) e a tradução audiovisual acessível, trazendo autores importantes que impulsionaram os estudos nesta área. Em seguida, são apresentadas as modalidades de tradução, tanto a audiodescrição quanto a legendagem para surdos e ensurdecidos. Finalizaremos o referencial teórico com questões pertinentes sobre a acessibilidade cultural.

2.1 Tradução Intersemiótica

Silva (2018) utiliza, em seus estudos, um dos grandes teóricos da tradução intersemiótica e linguista, Roman Jakobson. O autor classifica a tradução em três tipos. São elas: a tradução intralingual, interlingual e a tradução intersemiótica.

Em contexto a essas pesquisas, Jakobson define a tradução intersemiótica como:

A tradução intersemiótica (TI) "ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais." (Ibidem, p. 65). Nesta categoria enquadra-se todo tipo de tradução de uma obra (um livro, um filme, um jogo de videogame) para outra forma de textualidade ou plataforma midiática, que pode ser um filme traduzido em livro, um livro traduzido em história em quadrinhos, um videogame traduzido em série de TV, entre diversas outras possibilidades e seus respectivos "vice-versas" (Silva, 2018, p. 2).

Nessa perspectiva, Jakobson explica que traduzir está relacionado a uma troca de signos, de uma língua para outra. Como é o caso de uma adaptação de uma obra literária para uma produção fílmica. Está associado também a uma forma de reinterpretação por um viés diferente.

Para a tradução intersemiótica, Silva (2018) enfatiza que as mudanças ocorrem em quase todos os aspectos, como por exemplo; o contexto, a mensagem transmitida, o código e até mesmo o receptor. Outro ponto a ser discutido, são as sensações que o receptor tem ao se deparar com uma tradução intersemiótica, pois, como ocorreu uma adaptação, houve também uma reorganização das funções comunicativas, alterando aspectos que podem não ser tão "bem aceitos" pelo público que o consome. Além disso, o autor ressalta a importância da tradução, e como ela contribui para o alcance de um público que não conseguiria absorver tais informações, caso não houvesse a tradução.

Para além dos aspectos mencionados, Plaza (2003) aborda em seus estudos que tudo é tradução. Para ele, devido ao fato de que a tradução intersemiótica é uma forma de

transmutação de signo em signo, o autor ressalta que até nossos próprios pensamentos já condizem com uma forma de tradução. Ou seja, quando pensamos, traduzimos aquilo que imaginamos, o que está presente em nossa mente. Como imagens, sons, concepções, até nossos sentimentos. O autor aborda também a tradução como uma “forma privilegiada de recuperação histórica” (Plaza, 2003, p. 21), envolvendo tramas do passado, presente e futuro.

Portanto, o que o autor explica é que a tradução já está em nosso subconsciente, tudo é uma forma de interpretação e transmutação. É necessário expressar nossos pensamentos para que outras pessoas possam compreender.

Outro aspecto importante que deve-se levar em consideração são os fenômenos da tradução intersemiótica. Aguiar e Queiroz (2010) abordam em seus estudos que a tradução intersemiótica está relacionada aos fenômenos de multimodalidade semiótica. “Eles estão envolvidos em processos fundamentais de comunicação multimodal e de ostensão verbal, e abrangem diversos fenômenos de intersemiose, incluindo fenômenos visuais, hápticos, e sonoros” (Aguiar; Queiroz, 2010, p. 1). Assim, os autores destacam que a tradução intersemiótica não se limita a apenas traduzir verbalmente as palavras, mas trazer sentido ao que é transmitido.

Logo, a tradução intersemiótica é uma forma de transmutação e interpretação de signos. Entende-se que, para realizá-la, é necessário uma adaptação quase que geral da obra, mas que o tradutor deve sempre ter um cuidado e atenção para que o produto final chegue de forma adequada ao público. Dentro dessa ótica, a tradução audiovisual se apresenta como um campo amplo de significados que requer uma atenção aos fenômenos de tradução de imagem e som, e que o tradutor esteja situado nas multimodalidades e, assim, entregar um produto não apenas traduzido, mas de qualidade e principalmente acessível.

2.2 Tradução Audiovisual Acessível (TAVA)

O termo *Tradução Audiovisual Acessível* foi proposto por Jimenez Hurtado,

A interface texto-imagem, a relação entre informação verbal e não verbal, assim como as implicações destes tipos de informação para a tradução acessível e a acessibilidade universal aos meios de comunicação formam parte da busca por novas metodologias de estudo da textualidade multimodal. (Jimenez Hurtado; Rodríguez; Seibel, 2010, apud Araújo; Alves.2016, p. 19).

Em síntese, os autores discutem como o texto e a imagem se relacionam dentro da comunicação. Ao abordar a informação verbal e não verbal, eles distinguem elementos como a linguagem verbal que pode ser oral ou escrita e a linguagem não verbal, representada por

imagens, sons, expressões faciais, fotografias, entre outros meios de comunicação que não utilizam palavras. Essa articulação entre diferentes formas de linguagem caracteriza a comunicação multimodal, como afirma Magalhães (2021), em seu artigo intitulado, *Comunicação Multimodal: O caso da abordagem sócio-semiótica às narrativas transmediáticas*. A autora fala que a construção das relações que envolvem a comunicação apoia-se em estruturas multimodais presentes em diferentes formas de linguagem e varia conforme os meios utilizados. As conexões entre objetos e conceitos, ou até mesmo entre pessoas, podem ser formadas por diversos modos de comunicação.

A forma como essa interação ocorre depende de como os seres humanos percebem cada elemento, influenciando diretamente o significado atribuído e, conseqüentemente, a maneira como ele é interpretado. Ou seja, o uso simultâneo de diferentes modos semióticos como imagens, textos e sons para transmitir uma mensagem.

Essa abordagem multimodal é essencial para promover a acessibilidade universal e tornar os meios de comunicação mais inclusivos, especialmente no contexto da tradução acessível (TAVA).

2.2.1 Audiodescrição (AD)

Segundo Mianes (2023,p.3), “um dos recursos de acessibilidade comunicacional com maior crescimento em âmbitos culturais e educacionais é a audiodescrição”. Nesse sentido, Cabaz e Belam (2016), em seus estudos na área caracterizam a AD, como é usualmente conhecida, como uma modalidade de tradução audiovisual que garante às pessoas com deficiência visual terem acesso a peças teatrais, apresentações de danças, exposições artísticas, entre outros eventos culturais através da descrição visual dos elementos que compõem a cena. A definição de audiodescrição pode ser entendida,

A audiodescrição é uma modalidade de tradução audiovisual, de natureza intersemiótica, que visa tornar uma produção audiovisual acessível às pessoas com deficiência visual. Trata-se de uma locução adicional roteirizada que descreve as ações, a linguagem corporal, os estados emocionais, a ambientação, os figurinos e a caracterização dos personagens.(Naves; Mauch; Alves; Araújo, 2016, apud Araújo; Alves, 2016, p. 15-16).

A respeito disso, é importante destacar como essa modalidade de tradução acessível é composta. As seções a seguir são baseadas nos estudos da autora Cláudia Scheer (2021).

Segundo a autora, a forma de criar e disponibilizar os roteiros pode ser dividida em três tipos: AD pré-gravada, AD ao-vivo e AD simultânea.

Para a audiodescrição pré-gravada, é necessário um roteiro detalhado para que seja gravada e mixada em áudio ou veiculada em texto acessível. Como a autora menciona, é comum em muitos produtos, como:

Audioguias de museus; filmes e DVDs; comerciais e vídeos; em imagens estáticas, ou seja, imagens contidas em publicações (livros, revistas, álbum, fotografias, gibis, textos, apostilas, manuais), as descrições são escritas e adicionadas a formatos acessíveis, como DAISY ou EPUB. Também é possível encontrar a audiodescrição pré-gravada em imagens inseridas em sites, blogs, e-mails e portais. (Sheer, 2021, p.8)

Já a AD ao-vivo também é feita a partir de um roteiro prévio, com uso de marcação de tempo e indicações ao locutor-audiodescritor, mas é somente realizada no momento da apresentação do produto. Sheer (2021) ressalta que esse tipo de audiodescrição necessita que o locutor também seja um audiodescritor, devido ao fato de que audiodescrição ao-vivo é bastante dinâmica em relação aos outros tipos, pois “à locução do roteiro ser concomitante com a apresentação do produto em determinado, espaço, tempo e contexto” (Sheer, 2021, p.8).

Por fim, o último tipo de audiodescrição é a AD simultânea. Nela, não há uma prévia do roteiro de todo o acontecimento, pois ela acontece ao-vivo também. Necessita apenas de um pré-roteiro. A autora cita que na audiodescrição simultânea, não é possível prever o que irá acontecer, principalmente em programas de TV, noticiários ao-vivo etc. Sheer ainda aborda em seus estudos, que “Esse tipo de audiodescrição requer muito preparo e dinamismo imediato, pois se concretiza junto com o evento e devem ser descritas imagens e acontecimentos inéditos em tempo hábil para o público com deficiência visual”. (Sheer, 2021, p.8).

Referente ao que foi abordado, a audiodescrição é um dos elementos fundamentais de garantia de acessibilidade. Assegura um alcance significativo de um grupo de pessoas que cotidianamente sofrem por suas deficiências e falta de acesso dignos aos meios artísticos. Além do que, não apenas abrange esse público com deficiência visual, mas influencia no acesso maior como, por exemplo, os idosos que têm um pouco mais de dificuldade de entender determinados assuntos, pessoas com deficiências intelectuais, entre tantos outros que através dessas traduções possam se sentir incluídos. Portanto, essa modalidade de tradução audiovisual garante acesso à informações, inserção cultural e social para um público bastante diversificado.

Sheer (2021), também reforça sobre as técnicas mais gerais de audiodescrição. A primeira técnica que a autora considera importante seria a pesquisa. Segundo ela, para que o

audiodescritor consiga realizar um bom trabalho, é importante que ele saiba com o que vai trabalhar. Outro ponto importante é “descrever o que você vê”. “Deve-se estar atento em descrever somente informações que determinam a imagem visual e suas características imagéticas e não considerar sua compreensão ou interpretação da imagem” (Sheer, 2021 , p. 9). Nesse aspecto, a autora quer dizer que o audiodescritor não deve interferir, dar opiniões sobre o assunto audiodescrito e deixar que o público interprete. Nesse tipo de técnica, o que importa são as imagens e não as interpretações que podem ser tiradas delas. Isso faz parte do papel do receptor.

Outras técnicas gerais, segundo a autora, são a organização da descrição, referências e a objetividade. Tudo gira em torno de como a pessoa com deficiência visual vai receber o produto audiodescrito. Por isso a importância de ter uma boa organização de como cada elemento vai ser posto na audiodescrição. Sheer (2021) explica a importância de ter elementos que indiquem uma noção do todo. Ou seja, o que é, sobre descrever o que seria de modo geral o que vai ser audiodescrito e depois elementos mais particulares que mostrem como se apresenta na imagem. “A ordem apresentada dos elementos deve ocorrer de forma relevante, obedecendo a uma linearidade lógica, para ajudar na compreensão da pessoa com deficiência visual, como a ordem de importância dos elementos” (Sheer 2021,p.10). Sobre as referências, a autora ressalta que tudo é importante na descrição, principalmente as cores. Então, como são elementos que fazem parte de imagens, é imprescindível que seja falado sobre elas. Na objetividade, a autora ressalta a importância de usar somente adjetivos e advérbios que não representem julgamento de valor e apresentar as informações de forma clara e objetiva (Sheer, 2021).

Ademais, a autora finaliza essas técnicas abrangendo os elementos referentes ao uso consistente de linguagem, a importância da descrição das pessoas, não censurar o material utilizado, não subestimar a capacidade do leitor e a categorização das imagens.

Sheer (2021) considera que manter a consistência da linguagem é um dos elementos fundamentais que garante uma boa descrição. Daí a importância de se buscar entender o público para qual a descrição vai ser feita. Como a própria autora cita, “[...] os filmes infantis que devem ser descritos com linguagem apropriada para crianças ou livros didáticos que devem ter linguagem adequada à faixa etária e à proposta pedagógica do material” (Sheer, 2021, p. 10). Ela também reitera a importância de que haja a descrição de gênero, cor da pele, cor dos cabelos, olhos, entre outras características, sempre mantendo cuidados e fazendo o uso correto das palavras. A autora também afirma que um bom audiodescritor não deve ser injusto com o leitor, então não deve haver censuras de cenas mais explícitas, como as de

violência, sexo e nudez. Contudo, ela ressalta que não se deve subestimar as capacidades do leitor, como o nível de escolaridade, por exemplo. Por fim, Sheer (2021) fala sobre categorização de imagens que facilitam que o indivíduo com deficiência visual consiga, através da descrição, seja por retrato, gráfico, ilustração, entre outros, montar a imagem mentalmente. Diante do exposto, essas técnicas gerais de descrição são muito importantes e garantem que o produto audiodescrito chegue ao deficiente visual de forma mais qualificada e acessível.

Juntamente a essas técnicas gerais, aprofundarei os estudos da autora referente às diretrizes gerais e específicas para a construção de roteiro audiovisual. Como citado anteriormente, existem alguns critérios a seguir que permitem que o produto final audiodescrito se torne acessível para os usuários com deficiência auditiva.

Sheer (2021) estabelece alguns elementos-chave para fazer uma audiodescrição. Primeiramente, ela explica que o audiodescritor deve estar atento aos objetos, os locais, os personagens, as ações entre outras informações importantes de composição do produto final, essas sendo algumas diretrizes mais gerais. Sobre as específicas, a autora menciona a importância de se estar atento ao som que vai ser produzido, ou seja, colocar o que for mais significativo e imprescindível para o entendimento do receptor.

Outro ponto importante, é o tempo. Sheer (2021) explica que o tempo é essencial na construção da audiodescrição. É necessário filtrar os elementos mais importantes, mas que, caso haja tempo, pode-se descrever mais detalhadamente outros aspectos. Como por exemplo, as cores, as decorações do ambiente, a arquitetura, entre outros. Além disso, a autora ressalta que os espectadores precisam sentir as emoções, então audiodescrição não é um comentário contínuo, é necessário que eles sintam tanto as falas dos personagens quanto as tensões que o silêncio traz.

“Não entregue a trama” (Sheer 2021, p.13) Essa diretriz específica que menciona, é o cuidado que o audiodescritor deve ter para falar de forma mais discreta e natural alguns elementos que na hora podem passar despercebidos, mas que conforme vai passando a cena os receptores perceberão que foram elementos relevantes na história. Outro ponto relevante é a importância de saber deixar que primeiro seja apresentado o áudio original, e depois a audiodescrição: “Quando duas pessoas falam ao mesmo tempo, como um ator e um audiodescritor, os ouvintes não conseguem entender nem um nem outro. Se for necessário descrever durante o diálogo, fale audivelmente e com veemência” (Sheer, 2021, p.13). Sheer (2021) explica que a audiência quer ouvir primeiramente a apresentação, depois a audiodescrição.

Por fim, a autora menciona sobre descrever a partir da perspectiva do ouvinte, a identificação dos personagens e o tom da audiodescrição. Sobre a perspectiva do receptor, a autora atenta para essa diretriz num olhar de que se os elementos, como por exemplo, as vestimentas dos personagens, as identidades ocultas, os efeitos sonoros etc. surgem de surpresa, o audiodescritor não deve interferir ou estragar esse momento. A identificação dos personagens é referente às características deles, como o nome, a entrada e saída de cena, as características físicas, entre outros (Sheer, 2021). A última diretriz específica é o tom da audiodescrição. Nessa parte, a autora relata a importância dos sons estarem em harmonia, no ritmo, volume do material e energia. Ela explica que o audiodescritor não deve por exemplo, em uma cena, alegre falar de forma triste, ou em um tom de desânimo, pois tudo isso influencia no entendimento que o telespectador ouve.

Portanto, os estudos de Sheer trazem elementos fundamentais na construção de uma boa audiodescrição. Tanto as técnicas gerais quanto às diretrizes específicas nos mostram a importância de segui-las para que o ouvinte tenha uma experiência única ao prestigiar as obras e se sinta acolhido em ouvir uma audiodescrição de qualidade.

2.2.2. Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE)

A legendagem para surdos e ensurdidos, mais conhecida como (LSE), diferente da modalidade comum, permite que as pessoas com deficiência tenham acesso mais detalhado, como, por exemplo, os efeitos sonoros que não seriam capazes de ser identificados em uma legenda tradicional (Cabaz; Belam, 2016).

Segundo Araújo e Alves (2016), a legendagem para surdos e ensurdidos pode ser definida como,

é a tradução das falas de uma produção audiovisual em forma de texto escrito, podendo ocorrer entre duas línguas orais, entre uma língua oral e outra de sinais ou dentro da mesma língua. Por ser voltada, prioritariamente, ao público Surdo e Ensurdido, a identificação de personagens e efeitos sonoros deve ser feita sempre que necessário. (Naves; Mauch; Alves; Araújo, 2016, apud Araújo; Alves, 2016, p. 15-16).

Vieira *et al.* (2020), através das excelentes contribuições de Jakobson, baseiam-se nessas pesquisas para aprofundar os conhecimentos sobre as modalidades de traduções. Vieira *et al.* (2020) abordam as classificações de Jakobson, que, segundo eles, existem a legendagem interlinguística, presentes mais em programas de TV e filmes. Segundo os autores, nesse tipo de tradução, o produto apresenta diálogos em língua estrangeira e a tradução do texto na língua

materna do espectador, voltada mais para o público ouvinte. Já a LSE é intralinguística, ou seja, dentro de uma mesma língua. Acontece de forma oral para escrita (Vieira *et al.* 2020). Porém, os autores ressaltam que “[...] também pode se apresentar como interlinguística, de uma língua para outra, mas ainda do oral para o escrito, nos casos em que é feita a partir de filmes e programas de TV em língua estrangeira” (Vieira, *et al.*, 2020 *apud* Assis, p. 5).

LSE pode ser considerada uma tradução aberta, pois é apresentada de forma simultânea com o original (Nascimento, 2013). No Brasil, na maioria das vezes não há uma edição das falas, sendo basicamente uma transcrição, sem as especificações técnicas e linguísticas esperadas, tanto para legendas comuns quanto para surdos e ensurdecidos. (Araújo; Nascimento, 2011) Junto a isso, estudos voltados para essa área vêm ganhando cada vez mais destaque na UECE, localizada em Fortaleza-CE.

A Universidade Estadual do Ceará (UECE) é considerada uma das grandes pioneiras em pesquisas sobre essas modalidades de traduções audiovisuais acessíveis. Por meio do grupo de pesquisas LEAD (Legendagem e Audiodescrição), orientado pela Professora Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo, com apoio do Laboratório LaTAV (Laboratório de Tradução Audiovisual), os estudos nessa área possibilitam que espaços culturais, como os museus, se tornem mais inclusivos. As pesquisas realizadas pelo grupo têm impulsionado e difundindo a ideia de que as legendas para surdos e ensurdecidos devem seguir os mesmos parâmetros das legendas comuns para ouvintes (Souza;Vieira, 2019).

De acordo com o Guia para produções audiovisuais acessíveis, organizado por Naves, *et al* (2016), as traduções da LSE estão relacionadas a alguns parâmetros técnicos e linguísticos, e devem ser elaboradas de forma simultânea. O legendista precisa se atentar à questão da velocidade, número de linhas, posição, segmentação etc. Ressalto que, no Brasil, os procedimentos são diferentes dependendo do tipo da legenda. Para os ouvintes, é seguido o padrão europeu, mas em alguns casos faz-se necessário uma edição através da condensação, ou seja, diminui ou simplifica o conteúdo para que caiba no espaço e tempo sem a perda do sentido. (Araújo; Assis, 2014).

2.2.2.1 Parâmetros técnicos

Ao tratar dos parâmetros técnicos, os autores afirmam que existem duas dimensões técnicas da legendagem: a espacial e a temporal.

Na espacial, os autores afirmam algumas características como o posicionamento da legenda, número de linhas e número de caracteres por linha. No que diz respeito ao posicionamento da legenda, Assis (2020) aponta que são alinhadas à esquerda ou centralizadas

na parte inferior da tela. No Brasil, a LSE aparece das duas formas, podendo também conseguir movimentar a legenda para acompanhar os personagens. Sobre o número de linhas, há um consenso de no máximo duas linhas por inserção. Enquanto que Diaz-Cintas e Remael afirmam que mesmo sendo no máximo duas linhas, a LSE permite três ou quatro, se assemelhando ao sistema *Closed Caption* utilizado no Brasil (Diaz-Cintas e Remael, 2007 *apud* Vieira *et al*, 2020). No número de caracteres por linha, os autores apontam que há uma variação dependendo da mídia, como TV, Cinema etc e também relacionado ao *Software* utilizado e os contratantes. Eles apontam que,

Podem existir legendas com um número de 37 caracteres (para TV) até 43 caracteres (em festivais de cinema). Segundo a regra dos seis segundos (d'Ydewalle et al.), um leitor pode ler confortavelmente até 74 caracteres em um bloco de legenda (37 caracteres por linha) o que estaria de acordo com o que é praticado na TV. (Diaz-Cintas e Remael, 2007 *apud* Vieira *et al*, 2020, p.13).

Junto a esses parâmetros correspondentes às velocidades dos caracteres por minuto, Araújo e Assis (2014) acrescenta também o formato da legenda que, segundo eles, pode ser “retangular (quando as linhas de legenda têm aproximadamente o mesmo tamanho), pirâmide (quando a linha de cima é menor que a linha de baixo) e pirâmide invertida (quando a linha de cima é maior que a linha de baixo)” (Araújo; Assis, 2014 *apud* Souza; Vieira, 2019, p. 5-21). O quadro 1 traz exemplo dos formatos de legendas;

Quadro 1- Formato das legendas em telas

Formato	Legenda
Em forma de retângulo	O guardinha me parou por causa de uma bobagem da placa que caiu!
Em forma de triângulo com a linha de cima maior	Um tutuzinho de feijão, um lombinho.
Em forma de triângulo com a linha de cima menor	[Deolinda] já imaginava, por isso fiz o tutuzinho logo hoje.

Fonte: Araújo e Assis, 2014 *apud* Souza; Vieira, 2019, p.5-21

A marcação inicial e final de uma LSE tenta seguir os ritmos das falas, seja qual for o produto que esteja sendo exibido, como videoaulas, filmes, séries etc.

Já na dimensão temporal, entram a marcação e duração das legendas, sincronização, intervalo entre as legendas, velocidade e tempo de exposição. Como apontam os autores, dois aspectos estão interligados nesse tipo de dimensão, são eles: a sincronização e a marcação. A marcação está relacionada a respeitar o ritmo da fala, levando em consideração o momento inicial e final das falas, e a sincronização é apontada como a harmonização entre o áudio do texto e a legendagem (Diaz-Cintas e Remael, 2007 *apud* Vieira *et al*, 2020). O intervalo entre as legendas, normalmente “de 80 a 120 milissegundos , é aconselhado, uma vez que os olhos podem ter dificuldade de perceber a nova inserção de legenda” (Diaz-Cintas e Remael, 2007 *apud* Vieira *et al*, 2020, p.12). Sob a ótica dos autores, Diaz-Cintas; Remael (2007), a velocidade da legenda é relacionada ao tempo em que ela fica quando exposta na tela com a quantidade de texto que possui. Eles apontam em seus estudos três tabelas de velocidades em que os telespectadores podem assistir à tradução audiovisual de forma adequada, com 145, 160 e 180 palavras por minuto (ppm). Essas tabelas apontam a velocidade das palavras por minuto e o tempo que é dividido por caracteres por segundo (cps), de acordo com os *frames* ou fotogramas onde a legenda está localizada.(Diaz-Cintas; Remael, 2007).

são elas:

Tabela 1- Caracteres por segundo *versus* quadro nas velocidades de 145, 160 e 180 palavras por minutos

145 palavras por minute	Segundos : <i>Frames</i>	Caracteres	Segundos: <i>Frames</i>	Caracteres	
	01:00	16	02:00	29	
	01:04	17	02:04	32	
	01:08	18	02:08	34	
	01:12	20	02:12	36	
	01:16	23	02:16	38	
	01:20	25	02:20	40	
Segundos: <i>Frames</i>	Caracteres	Segundos : <i>Frames</i>	Caracteres	Segundos: <i>Frames</i>	Caracteres
03:00	44	04:00	58	05:00	71
03:04	46	04:04	60	05:04	71
03:08	48	04:08	62	05:08	73
03:12	50	04:12	64	05:12	73
03:16	52	04:16	65	05:16	74

03:20	54	04:20	67	05:20	74
160 palavras por minute	Segundos : <i>Frames</i>	Caractere s	Segundo s: <i>Frames</i>	Caracteres	
	01:00	17	02:00	31	
	01:04	18	02:04	34	
	01:08	20	02:08	37	
	01:12	23	02:12	40	
	01:16	26	02:16	42	
	01:20	28	02:20	44	
Segundos: <i>Frames</i>	Caracteres	Segundos: <i>Frames</i>	Caracteres	Segundos <i>Frames</i>	Caracteres
03:00	48	04:00	63	05:00	75
03:04	50	04:04	65	05:04	75
03:08	53	04:08	67	05:08	76
03:12	56	04:12	69	05:12	76
03:16	58	04:16	71	05:16	77
03:20	60	04:20	73	05:20	77
				06:00	78

180 palavras por minute	Segundos: : <i>Frames</i>	Caracteres	Segundos: <i>Frames</i>	Caracteres
	01:00	17	02:00	35
	01:04	20	02:04	37
	01:08	23	02:08	39
	01:12	26	02:12	43
	01:16	28	02:16	45
	01:20	30	02:20	49

Segundos: <i>Frames</i>	Caracteres	Segundos: <i>Frames</i>	Caracteres	Segundos <i>Frames</i>	Caracteres
03:00	53	04:00	70	05:00	78
03:04	55	04:04	73	05:04	78
03:08	57	04:08	76	05:08	78
03:12	62	04:12	76	05:12	78
03:16	65	04:16	77	05:16	78
03:20	68	04:20	77	05:20	78
				06:00	78

Fonte: Diaz-Cintas e Remael, 2007, p.97-99 *apud* Monteiro; Dantas, 2017, p.7-34

Cada tabela possui as especificações de cada uma das três velocidades e apresenta os espaços, ou seja, a quantidade de caracteres, incluindo também os espaços em branco.

Primeiramente é feita a observação da duração das falas, e só depois a legenda, sendo ela feita de acordo com o número de caracteres do quadro. Como exemplo dado pelos autores, “se temos uma fala com duração de um segundo e 20 frames (01:20), ela pode ter até 25, 28 ou 30 caracteres, se a velocidade for de 145, 160 ou 180ppm, respectivamente”. (Diaz-Cintas e Remael, 2007, p.97-99 *apud* Monteiro; Dantas, 2017, p.7-34). Portanto, se a velocidade da fala for maior que esses padrões estabelecidos, faz-se necessário uma condensação das legendas em relação às falas, para que o espectador consiga acompanhar tanto as legendas quanto ver as imagens, ou em caso dos ouvintes (LO), ouvir o áudio.

[...] a condensação se dá por 3 motivos: a) as diferenças entre fala e escrita: a legenda deve dar tempo suficiente para que os espectadores possam integrar imagem e legenda; b) o caráter multissemiótico dos filmes: a legenda deve permitir que espectadores possam observar a ação que se passa na tela e ouvir a trilha sonora e ler a legenda; c) o número de 21 linhas permitidos: a legenda deve ter no máximo duas linhas e ocupar uma porção mínima da tela, portanto a quantidade de texto dependerá do tempo disponível para a apresentação das legendas (Diaz Cintas; Remael, 2007; Perego, 2003, s.p *apud* Silva, 2014, p. 21)

Esses parâmetros técnicos possibilitam garantir que a leitura das legendas seja feita de forma clara e natural, permitindo conforto ao espectador.

2.2.2.2 Parâmetros linguísticos

Os parâmetros linguísticos estão relacionados à segmentação de falas, separados em blocos semânticos e redução de informações textuais. “Pode ser feita entre legendas ou entre linhas, e é realizada com base nos cortes de cena (segmentação visual), no fluxo da fala (segmentação retórica) e nas unidades semânticas e sintáticas (segmentação linguística)” (Souza; Vieira, 2019, p. 7-21 *apud* Naves et al, 2016.p.17) Esses parâmetros também explicitam as informações sonoras, como os efeitos e as identificações dos falantes. (Souza; Vieira, 2019, p. 7-21 *apud* Naves et al, 2016.)

A segmentação está relacionada à divisão dos diálogos (textos) e das legendas e pode ocorrer de três formas. A segmentação pode ocorrer de três formas: “pela gramática (pautada pela sintaxe), pela retórica (pautada pelo ritmo da fala), ou pelo visual (pautada pelo que acontece na cena, como cortes, mudanças de ângulo etc)”. (Reid 1990 *apud* Monteiro; Dantas, 2017, p.9-34).

Entretanto, em relação à gramática, os pesquisadores do grupo LEAD, fazem uma substituição do termo “linguística”, devido ao fato de que esse tipo não envolve somente gramática, como o léxico e sintaxe, mas também a semântica.

Essa segmentação pode ocorrer em dois níveis, segundo os autores Diaz-Cintas e Remael (2007). O primeiro nível está relacionado às divisões das linhas dentro da mesma legenda, que é chamado de *Line break* (quebra de linha). Já o segundo ocorre nas divisões entre duas ou mais legendas. Karamitroglou (1998) sugere que as divisões dos textos sejam no mais alto em nível sintático, pois se a segmentação não for boa as pessoas farão um esforço maior para acompanhar o texto e acabarão se cansando do produto audiovisual.

Referente à identificação dos falantes e aos efeitos sonoros, Franco, *et al.* (2020) afirmam que essas informações estão dentro de colchetes.

De acordo com o grupo LEAD-UECE, (Franco; Araújo, 2003; Araújo, 2004, 2007, 2008; Araújo; Nascimento, 2011), em suas pesquisas relacionados às identificações dos falantes, os mesmos ressaltam que é muito difícil e complicado para os surdos diferenciarem quem está falando na cena. Sobre a identificação dos efeitos sonoros, os autores afirmam que é importante fornecer esses dados, pois estes podem ajudar a compor os espaços das cenas.

Estudos nessa área são relativamente recentes, embora já exista uma quantidade significativa de pesquisas dedicadas a essas modalidades da da tradução audiovisual. Franco et al. (2020) destacam que essas investigações são desenvolvidas, principalmente, em contextos culturais, considerando os diferentes *corpus* utilizados para a aplicação tanto da LSE quanto da audiodescrição, como peças teatrais, museus, filmes, novelas, entre outros.

Dessa forma, a cultura se apresenta como um meio eficaz de promover a inclusão social, uma vez que permite a ampliação do acesso de pessoas com deficiência a diferentes manifestações artísticas e culturais.

2.3 Acessibilidade Cultural

Em meio às constantes transformações tecnológicas, sociais e comunicacionais que circulam no mundo, discutir acessibilidade cultural é falar de inclusão e a garantia de dignidade humana. Quando se refere-se à acessibilidade, o conceito é considerado muito amplo. Nas décadas de 1960 e 1980, no âmbito do Movimento Internacional de Inclusão Social das Pessoas com Deficiência, foi entendido sobre a importância da eliminação das barreiras físicas e possibilidade de percepções e entendimentos de produtos e serviços gerais garantidos às pessoas com deficiências (Rocha, 2021). Assim, assegurar acessibilidade cultural é garantir de forma universal que pessoas com deficiência, e também o público que necessita desse direito garantido por lei, tenham acesso e sejam beneficiados nesses espaços de reproduções artísticas e culturais.

Como já citado anteriormente, a tradução audiovisual, uma subárea da tradução audiovisual comum, tem como principal objetivo garantir o acesso de pessoas com deficiência aos conteúdos midiáticos e culturais. Nos últimos anos, questões voltadas para a acessibilidade vem ganhando cada vez mais força em virtude de decretos e leis sancionadas. Segundo a Lei nº 14.835/2024 do Governo Brasileiro, a cultura é reconhecida como um direito fundamental do ser humano, e ligado a ela, a Lei Brasileira de Inclusão de Pessoas com Deficiência (LBI) nº 13.146/2015, também conhecida como Estatuto da pessoa com deficiência, trata de forma clara em seu artigo 42, da garantia de acessibilidade à cultura, à comunicação e à informação.

Esses tipos de modalidades da TAVA como instrumentos de mediação cultural são de extrema relevância, pois são formas de introduzir um público que historicamente é limitado a acessar meios artísticos e culturais. Garante não apenas acesso à informação, mas também sensação de pertencimento e reconhecimento enquanto cidadãos. Além desse público, abrange também idosos, pessoas que possuem algum outro tipo de limitação como as que têm Síndrome de Down, por exemplo, e pessoas incluídas no transtorno do espectro autista (TEA).

Alguns impasses dificultam a inserção desses recursos de acessibilidade. Para Lledó (2013 *apud* ROCHA 2021), muitos profissionais da área não percebem a importância de inserir acessibilidade integral em seus espaços culturais. Sempre entram em pauta questões financeiras, contratação e capacitação de profissionais, “se vai ser mesmo necessário”, entre

tantos outros argumentos que evidenciam cada vez mais uma sociedade contrária à democratização e propositalmente excludente.

Sobre os benefícios da aplicação e garantia de acessibilidade em museus, Rocha (2021) explica que garantir acessibilidade não é apenas no lugar físico em si. É buscar tornar acessível desde a busca em sites da *internet*, que ajude no caminho a ser seguido, até o local onde se encontra o museu; ajudar como encontrar lugares em que as pessoas com deficiência possam se alimentar, mostrar opções de transporte, desde o deslocamento de casa até o museu, entre outros meios de comunicação que possibilitem equidade para esse público. Isso caracteriza, como a autora cita, uma acessibilidade universal, onde os caminhos extrapolam os espaços físicos.

A existência de leis e decretos através de emendas constitucionais que versem sobre a acessibilidade permite que haja uma maior visibilidade à comunidade surda. Segundo a Lei nº 10098 de Acessibilidade no capítulo VII, é dever do poder público assegurar os direitos e promover a eliminação de barreiras, conforme está especificado no artigo abaixo:

Art. 17. O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer (BRASIL, 2000).

Tornando isto como base, é imprescindível que os museus, espaços de propagação cultural e educacional, tornem-se cada vez mais acessíveis às pessoas com deficiência auditivas e visuais. É importante entender que garantir esses acessos vai além da estrutura física e comunicacional do museu, mas abrange também aspectos externos, como acessibilidade antes mesmo de chegar nas instituições museológicas. Além disso, deve-se proporcionar incentivos de recursos adequados e profissionais qualificados. Assim, haveria uma democratização de acesso e equidade desses indivíduos.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo, serão descritos os aspectos metodológicos para a execução da pesquisa. Serão apresentados a natureza da pesquisa, o corpus, o cenário e o instrumental de coletas de dados.

3.1 Natureza da pesquisa

Tendo em vista que este estudo tem como objetivos analisar as perspectivas tanto do público quanto dos funcionários acerca da acessibilidade nas modalidades de tradução audiovisual em audiodescrição e legendagem LSE, adotou-se uma abordagem qualitativa.

Segundo Godoy (1995), algumas características identificam os estudos qualitativos. A autora argumenta que o pesquisador precisa analisar em uma perspectiva integrada, ou seja, ir ao campo, captar os fenômenos a partir das perspectivas das pessoas envolvidas, levando em consideração tudo que for relevante.

A autora explica que “o estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido através de diferentes caminhos” (Godoy, 1995, p.2-10). Assim, a pesquisa qualitativa permite que as análises sejam mais ricas em detalhes contendo as experiências e opiniões pessoais, base desse tipo de abordagem.

3.2 Corpus da pesquisa

Segundo a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (s.d) , o Museu da Imagem e do Som do Estado do Ceará conserva, restaura e digitaliza o acervo que compõe a memória cultural cearense. Inaugurado em 1980 e instalado no subsolo do prédio da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, sua reestruturação aconteceu no dia 7 de agosto de 1996, na atual sede, situada na Avenida Barão de Studart, 410. Nesse período, teve seu acervo ampliado recebendo documentos e equipamentos do Centro de Referência Cultural (CERES).(Mapa Cultural do Ceará, 2025).

O prédio que hoje abriga o museu foi projetado pelo arquiteto José Barros Maia, para ser residência do Senador Fausto Augusto Borges Cabral, inaugurado no ano de 1951. Desapropriado pelo Governo Estadual, foi feito sede do museu antropológico do Ceará, onde funcionou até 1990. (Mapa Cultural do Ceará, 2025).

No ano de 2018, o prédio passa por outra reestruturação, criando assim, um prédio de cinco andares, com espaços mais equipados e de última geração. Ao redor do Museu, está presente o Palácio da Abolição, atual sede da administração do Estado do Ceará. (Mapa Cultural do Ceará, 2025).

Inaugurado em 2022, o novo Museu da Imagem e do Som Chico Albuquerque é composto por um conjunto de dois imóveis urbanos: O casarão da década de 50, patrimônio histórico da cidade e o novo prédio de cinco andares. Também encontra-se um ampla praça onde

acontecem aulas abertas, realizações de feiras e instalações temporárias.(Mapa Cultural do Ceará, 2025).

A nova infraestrutura é composta de ambientes laboratoriais que conservam e higienizam acervos da memória cearense. O museu também possui alguns laboratórios de digitalização e restauração digital. Possui laboratório fotográfico, reserva técnica ampla climatizada, salas de pesquisa e catalogação. “O museu conta com equipamento de última geração para cumprir todas as atividades necessárias na conservação, digitalização e restauro digital de acervos imagéticos, sonoros e audiovisuais” (Mapa Cultural do Ceará, 2025, s.p), além de estúdio de áudio e mixagem, restauração de áudios, estúdio de vídeos, ilhas de edição, espaços pedagógicos e interativos com equipamentos digitais. (Mapa Cultural do Ceará, 2025).

Portanto, o Museu da Imagem e do Som (MIS) em Fortaleza-Ce é um espaço que coloca o Ceará em contextos de diálogos e contemporaneidade, trazendo produções artísticas e tecnológicas aos bens culturais na sua pluralidade, oferecendo também a difusão desse patrimônio audiovisual acessível.

3.3 O Instrumental de coleta de dados

A fim de coletar os dados para a pesquisa, o procedimento metodológico foi feito em duas partes. Primeiramente foram feitos dois roteiros de entrevistas, um para entrevistar os funcionários e outro direcionado ao público com deficiência. A estrutura do roteiro para os funcionários foi dividida em quatro blocos, cada uma especificando as perguntas e dividido também em perguntas gerais e específicas. Ao todo foram feitas sete perguntas. Em relação à estruturação das perguntas com o público com deficiência, foram definidas apenas seis perguntas de forma mais clara e objetiva, no intuito de deixar a entrevista mais compreensiva.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Ao longo dessa seção, serão discutidos os dados obtidos através da aplicação da pesquisa. A princípio, a pesquisa previa a realização dessas entrevistas. Contudo, por questões internas do museu, a aplicação junto ao público não foi possível. Foi realizada uma entrevista com a intérprete de libras e, diante das impossibilidades mencionadas, acordou-se o envio de um formulário com as questões da entrevista para que mais funcionários pudessem responder. Diante da mudança de como se daria a coleta de dados, algumas adaptações foram necessárias, como a modificação de algumas perguntas e a definição de apenas cinco a serem respondidas, com o intuito de facilitar a compreensão e obter mais respostas. Serão apresentadas análises da entrevista e análises das respostas dos formulários.

4.1 Análise das respostas da entrevista

Nesta subseção, é destacada a entrevista realizada com uma das intérpretes de Libras. O encontro realizado dia 28 de outubro de 2025 teve como objetivo compreender, através da percepção da entrevistada, alguns aspectos que envolvem a acessibilidade cultural no museu.

A resposta para os questionamentos iniciais que envolviam perguntas sobre a disponibilidade, a frequência e parceria que o museu possui para dispor materiais audiodescritos e legendados, foi que esses materiais ficam a critério da pessoa que está expondo. Ou seja, existem algumas exposições fixas que possuem esses recursos de acessibilidade, como a entrevistada relata. Em todas as exposições fixas há recursos de janelas de libras, mas, na maioria das vezes, depende muito do indivíduo que vai expor sua obra no museu, cabendo a ele solicitar ou não audiodescrição e legendas LSE.

Referente às parcerias, o museu integra a Rede Pública de Espaços e Equipamentos Culturais da Secretaria da Cultura do Ceará (RECE) e é gerido em parceria com o Instituto Mirante, uma OS (Organização Social) de cultura, sem fins lucrativos, criado em 2021 com o objetivo de gerenciar políticas culturais no Estado do Ceará. A intérprete também ressalta que o museu recebe algumas exposições geridas pelo grupo de pesquisas LEAD (Legendagem e Audiodescrição), e orientado pela Professora Dra. Vera Lúcia Santiago Araújo, com apoio do Laboratório LaTAV (Laboratório de Tradução Audiovisual), além de outras parcerias.

Quando questionada sobre se os recursos são suficientes para garantir acesso igualitário e se esses recursos contribuem para o aumento do público visitante no museu, a entrevistada acredita que não é que não haja verba, o problema está relacionado a cobrar essas verbas para garantir melhorias, tanto na parte de infraestrutura, pois ela acredita que o museu ainda requer de alguns recursos de acessibilidade, como pisos táteis. A questão é garantir mesmo que em todas as exposições haja acessibilidade em audiodescrição e Legendagem LSE. Ela acredita que tendo esses recursos facilitaria muito a procura do público com deficiência auditiva e deficientes visuais, pois eles se sentiriam pertencentes e isso garantiria representatividade.

Por fim, os últimos blocos de perguntas estavam relacionados aos desafios e expectativas de melhoria para o museu. Ela ressaltou que os desafios estão na falta de percepção da gestão em garantir essas melhorias, pois como já citado na resposta anterior, o problema não está na falta de recursos financeiros, mas na percepção da gestão em garantir esses ajustes e melhorias. Finalizando a entrevista, a intérprete acredita que se tivesse uma

coordenação de acessibilidade mais engajada em melhorar os recursos de acessibilidade, o museu se tornaria um espaço ainda mais dinâmico e representativo.

Portanto, diante das respostas da entrevistada, pode-se concluir que garantir acessibilidade no museu depende muito de como a gestão está engajada em fazer essas mudanças. Percebe-se que há recursos financeiros que poderiam ser utilizados para melhorar as exposições, oficinas e outros eventos que o museu proporciona. Isso garantiria mais inclusão e ampliaria o acesso de diferentes públicos às experiências culturais oferecidas pelo museu. A implementação de ações voltadas à acessibilidade não apenas promoveria a participação de pessoas com deficiência, mas fortaleceria o papel social do museu como espaço de educação, cultura e cidadania.

4.2 Análise das respostas do formulário

A análise se dará através das cinco respostas obtidas com a aplicação do formulário. A questão inicial refere-se às modalidades de tradução audiovisual em AD e LSE, se esses recursos são suficientes para garantir acesso de forma igualitária às produções audiovisuais. Quando comparados os resultados, ambas as respostas obtidas negam que são suficientes. Percebe-se que algumas produções são mais acessíveis que outras e que acontece de algumas serem exibidas sem esses recursos, principalmente nas salas imersivas.

Outro ponto é que nas exposições em que a audiodescrição está disponível, vem sempre condicionado à pessoa com deficiência auditiva ter celular que leia o QR Code disponibilizado e, quando disponível para as obras da sala imersiva, nem sempre tem QR Code de fácil acesso disponibilizado na entrada da sala. Isso ocasiona um problema devido ao fato de que como o celular da pessoa visitante não está sincronizado com a obra, é necessário esperar que reinicie para a sincronização do áudio. O MIS e a Secult têm avançado em relação à pauta, mas ainda há muito a ser realizado.

A segunda pergunta refere-se à importância da acessibilidade audiovisual em espaços culturais. As respostas revelam uma compreensão profunda e crítica sobre a temática abordada. Ao relacionar a discussão com o sistema capitalista, uma das respostas evidencia como esse sistema exclui pessoas consideradas não “úteis” para o lucro, até mesmo quando se tenta fazer uma propaganda de que há inclusão. Outra resposta questiona as leis de acessibilidade que não são seguidas.

Seguindo com as análises, a terceira pergunta da pesquisa volta-se para o questionamento sobre se essas traduções acessíveis contribuem para o aumento do público

visitante, e as respostas obtidas foram que o público se sentiria acolhido e pertencente e que seria uma forma de garantir maior inclusão de acesso. Elencada a essa questão, a pergunta seguinte e penúltima da pesquisa também estava relacionada a inclusão. Uma das respostas disserta que além de garantir direitos, é uma forma de tornar os espaços mais acessíveis, além de promover a autonomia de quem frequenta.

Por fim, a última questão era com o intuito de saber quais melhorias eles achariam necessárias para fortalecer a acessibilidade, especialmente no uso das traduções abordadas. Ao serem analisadas, as respostas foram muito satisfatórias. Em uma delas, o funcionário relata que seria interessante que todas as obras sejam entregues com esses recursos e que haja um incentivo para que os artistas pensem na obra como um todo, na experiência que pode proporcionar. Outro ponto é a importância do museu ter profissionais fixos para realizar as audiodescrições, assim como os de LSE. Conscientização dos gestores, formação continuada para todos os profissionais e aumento da equipe também foram as respostas obtidas.

É necessário compreender as causas dessas limitações que podem estar associadas à falta de políticas públicas, ausência de profissionais capacitados, entre outros fatores. A implementação de recursos audiovisuais acessíveis requer um olhar mais minucioso, pois envolve a análise de cada etapa a ser seguida, como elaboração de material até o momento da exibição. Dessa forma, ao investir na formação da equipe, na adaptação dos espaços físicos e na criação de recursos acessíveis, o museu poderia se consolidar como uma instituição comprometida com a diversidade e o direito de todos ao acesso pleno à cultura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar as percepções dos funcionários sobre como a tradução audiovisual acessível, nas modalidades de audiodescrição e legendagem para surdos e ensurdecidos, possibilita acesso ao público no Museu da Imagem e do Som (MIS).

Com a aplicação da pesquisa, percebe-se a necessidade de políticas públicas voltadas para a execução de garantia de acessibilidade no museu, não apenas na questão do audiovisual, mas na infraestrutura dos prédios. Apesar dele já possuir algumas acessibilidades físicas, como rampas, banheiros adaptados, surge a necessidade de garantir ainda mais recursos, como sinalizações em braille, sinais sonoros, tecnologias assertivas de tradução.

Foi perceptível, com as análises, que as barreiras existentes não estão relacionadas à falta de verbas, mas à ausência de uma coordenação de acessibilidade empenhada em garantir a execução de melhorias. As respostas obtidas revelam que os funcionários percebem essa lacuna de gestão e têm ciência das adequações necessárias.

Há muitos desafios a serem seguidos para tornar o MIS mais acessível. As dificuldades exigem que a acessibilidade cultural seja tratada como um pilar institucional. É fundamental que o museu crie uma política de acessibilidade oferecendo recursos que atendam todos os tipos de públicos.

Por conseguinte, é importante destacar que a promoção de acessibilidade está para além de criar políticas públicas e seguir as leis existentes como a Lnº10.098/2000 (Lei de Acessibilidade) e Estatuto da pessoa com deficiência (Lnº13.146/2015), mas entender que espaços culturais como o Museu da Imagem e do Som, que resgata a memória do Estado do Ceará, devem ser considerados lugares de acolhimento e reconhecimento às diversidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Vera.; ALVES, Soraya. **Tradução audiovisual acessível (TAVA): Audiodescrição, janela de libras e legendagem para surdos e ensurdecidos**. SCIELO Brasil. Trab. linguist. apl. 1-11. May-Aug 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tla/a/B78rPN4kTVQkbgm5kBpNBLf/?format=html&lang=pt>> Acesso em: 02 set 2025.

ARAÚJO, Vera.; ASSIS, Ítalo. **A segmentação linguística na legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) de 'Amor Eterno Amor': uma análise baseada em corpus**. Letras & Letras, Uberlândia, v. 30, n. 2, p. 156–184, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/2796>> Acesso em: 01 set 2025.

ARAÚJO, Vera.; NASCIMENTO, Ana. Investigando parâmetros de legendas para surdos e ensurdecidos no Brasil. **Tradução em revista**. PUCRio. p.1-18, 2011. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18862/18862.PDF>> Acesso em: 21 set 2025.

AGUIAR, Daniela.; QUEIROZ, João. Tradução intersemiótica ação do signo e estruturalismo hierárquico. **Revista Lumina**. Juiz de Fora, v.4, n.1, p 1-14. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/20951>> Acesso em: 05 set 2025.

BRASIL. **Lei nº 14.835, de 4 de abril de 2024**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2024/lei-14835-4-abril-2024-795455-publicacaooriginal-171427-pl.html>> Acesso em: 07 set 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 7 de set 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000**. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm> Acesso em: 24 out 2025.

CABAZ, Marcela.; BELAM, Patrícia. Tradução e acessibilidade: Audiodescrição e legendagem para surdos e ensurdecidos como campos de atuação para tradutores. **Tradução em Revista**. PUCRIO. p. 1-31. 2016. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/28043/28043.PDF>> Acesso em: 03 set 2025.

CEARÁ. Secretaria da Cultura. Museu da Imagem e do Som. **Mapa Cultural do Ceará**. Fortaleza, 2025. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br>. Acesso em: 8 out. 2025.
FRANCO. *et al.* **Um estudo sobre a Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE) em Vídeo Aulas em Plataforma de Ensino a Distância**. Caletrosópio. v.8, p.22. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/caletrosopio/article/view/3885>> Acesso em: 15 set 2025.

GODOY, Arilda. Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais. **Revista de administração de empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, p, 2-10 Mai./Jun. 1995. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?lang=pt>> Acesso em: 03 de nov 2025.

LUIZ,T.;PIEPER,E.;PENANTE,R. A tradução intersemiótica enquanto refração e intertextualidade. **Revista Guasa**. Goiânia, v. 12, n. 1, p. 58-71, jan./jun. 2022. Disponível em:<<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/guara/article/view/12607/6273>> Acesso em: 19 set 2025.

MAGALHÃES, Luísa. **Comunicação multimodal: o caso da abordagem sócio-semiótica às narrativas transmediáticas**.Researchgate.Universidade Católica Portuguesa, v.15,n.3,p.1-16. 2021. Disponível em:<https://www.researchgate.net/publication/362919039_Comunicacao_multimodal_o_caso_da_abordagem_socio-semiotica_as_narrativas_transmediaticas> Acesso em: 16 set 2025.

MIANES, Felipe.A audiodescrição nos processos de ensino e aprendizagem na Educação Básica. **Revista linguagem em foco**. Fortaleza, v. 15, n.2, p.1-17. 2023. Disponível em:<<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/10620>> Acesso em:<19 set 2025.

MONTEIRO,Silvia.; DANTAS, João. **Tradução audiovisual acessível(TAVA): A segmentação linguística na legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) da campanha política na televisão em Fortaleza**. Trab. ling. aplic.Campinas, n 56: 527-560, mai./ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8649289/16541>> Acesso em: 12 set 2025.

NASCIMENTO, Ana. **Linguística de corpus e legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE): Uma análise baseada em corpus da tradução de efeitos sonoros na legenda de filmes brasileiros em DVD**. Fortaleza, p.1-109 2013.Disponível em:<<https://www.uece.br/ppgcc/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/Anakatarinnapessoadonascimento.pdf>> Acesso em: 16 set 2025

NAVES, *et al.* **Guia para as produções audiovisuais acessíveis**. Ministério da Cultura Secretaria do Audiovisual. UNB Notícias. Disponível em:<https://noticias.unb.br/images/Noticias/2016/Documentos/Guia_para_Producoes_audiovisuais_Acessiveis_projeto_grafico_.pdf> Acesso em: 04 ago 2025

OLIVEIRA, Cláudio. A importância da tradução: Reflexões sobre o papel do tradutor. **Revista Communitas**.v1, n1, jan/jun 2017.Disponível em:<<https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/download/1109/pdf/0>> Acesso em:02 out 2025.

PLAZA, Júlio. Tradução intersemiótica. **Editora Perspectiva S.A.** São Paulo, 2003.Disponível em:<<https://cursointermedialidade.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/08/traducao-inter-semiotica-julio-plaza.pdf>> Acesso em: 6 out 2025.

ROCHA. Jéssica. **Acessibilidade em museus e centro de ciências: experiências, estudos e desafios**. Fundação.Grupo mccac.org. 2021. Disponível em:<https://grupomccac.org/wp-content/uploads/2021/03/LivroAcessibilidadeEmMuseusDeCiencias_v2021-03-30b.pdf> Acesso em: 04 set 2025

SOUSA, Eurijunior.; VIEIRA, Patrícia. Legendagem para surdos e ensurdecidos. **Revista transversal**, p.v.5 n.9, p.154-173, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufc.br/transversal/article/view/419>> Acesso em: 6 out 2025.

SILVA, Adriano. A tradução intersemiótica de Jakobson revisitada e uma pequena análises dos quadrinhos de Asterix. **Revista Gel; Estudos linguísticos**. São Paulo, v.47, n.2, p.1-13, 2018. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1953/1389>> Acesso em: 6 out 2025

SCHEER, Cláudia. **Apostila audiodescrição**. Fundação Dorina Nowill para Cegos. São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://trocandosaberes.com.br/wp-content/uploads/2022/03/02-Apostila-de-Audiodescricao.pdf>> Acesso em: 8 set 2025.

SILVA, Daniel. **A explicitação na legendagem do filme o nascimento de cristo: Um estudo baseado em corpus**. Fortaleza, p.21-138. 2014. Disponível em: <https://www.uece.br/ppgcc/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/DANIEL-AGUIAR-E-SILV A.pdf>> Acesso em: 22 de nov 2025.

VIEIRA, Patrícia. **A influência da segmentação e da velocidade na recepção de legendas para surdos e ensurdecidos**. Fortaleza, p.1-247, 2016. Disponível em: https://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2020/01/TESE_PATR%C3%8DCIA-ARA%C3%9AJO-VIEIRA.pdf> Acesso em: 6 out 2025.

VIEIRA, P.; ASSIS, I.; ARAÚJO, V. Tradução audiovisual: Estudos sobre a leitura de legendas para surdos e ensurdecidos. **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 40, no esp. 2, p. 97-124, set-dez, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/download/78424/44783/284135>> Acesso em: 3 set 2025.

APÊNDICE 1

ENTREVISTA COM O PÚBLICO-MIS

Entrevistado(a): _____ Data: ____/____/____ Local: _____
Gravação autorizada: () Sim () Não

- 1- Você visita o Museu da Imagem e do Som com frequência?
- 2- Você já participou de alguma exposição ou oficina com a presença de audiodescrição e legendagem LSE? Justifique sua resposta.
- 3- Você considera que os recursos de acessibilidade disponíveis atendem bem às suas necessidades? Porquê?
- 4- Você acredita que as produções audiovisuais nas modalidades de audiodescrição e legendagem LSE tornam a experiência cultural mais inclusiva? Porquê?
- 5- A presença dessas modalidades de tradução audiovisual incentiva mais pessoas com deficiência a frequentar o museu? Justifique sua resposta.
- 6- Qual é a importância da acessibilidade audiovisual em espaços culturais como o MIS?

APÊNDICE 2

ENTREVISTA COM OS FUNCIONÁRIOS-MIS

Entrevistado(a): _____ Cargo/Função: _____

Data: ____ / ____ / ____ Local: _____ Gravação autorizada: () Sim () Não

PERGUNTAS GERAIS

1º BLOCO- Implementação dos recursos de AD e LSE;

- 1- O MIS atualmente disponibiliza materiais em audiodescrição e legendagem para surdos e ensurdecidos?
- 2- Esses recursos são utilizados de forma frequente ou apenas em eventos específicos?
- 3- Como é feita a implementação desses recursos (equipe interna, terceiros, voluntários etc...)?

PERGUNTAS ESPECÍFICAS

1º BLOCO-Percepção sobre acessibilidade

- 4- Na sua percepção, esses recursos são suficientes para garantir o acesso igualitário às produções audiovisuais do museu? Porquê?
- 5- Você acredita que os recursos de traduções audiovisuais contribuem para o aumento do público visitante no museu? Porquê?

2º BLOCO- Desafios/limitações

- 6- Quais os maiores desafios enfrentados na implementação dessas produções audiovisuais na sua percepção?

3º BLOCO- Expectativas

- 7- Que melhorias você acredita que seriam necessárias para tornar o MIS mais acessível?

APÊNDICE 3

13/11/2025, 06:08

PESQUISA ACADÊMICA

PESQUISA ACADÊMICA

A presente pesquisa para fins acadêmicos, tem o intuito de trazer as percepções dos funcionários que compõe o Museu da Imagem e do Som(Mis) em Fortaleza-CE, acerca da acessibilidade para o público com deficiência auditiva e visual. Essa pesquisa aborda as modalidades de tradução audiovisual, em Audiodescrição (AD) e Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE).

Ressalto que em nenhum momento citarei nomes dos envolvidos. Desde já, agradeço a compreensão e colaboração.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Na sua percepção, esses recursos são suficientes para garantir o acesso igualitário às produções audiovisuais? Porquê? *
2. Na sua visão, qual é a importância da acessibilidade audiovisual em espaços culturais como o MIS? *
3. Você acredita que essas modalidades de traduções,contribuem para o aumento do público visitante no museu? Porquê? *
4. Você acredita que os recursos de tradução audiovisual como a (AD) e (LSE) tornam a experiência cultural mais inclusiva? Porquê? *
5. Na sua percepção, quais são as principais melhorias necessárias no MIS para fortalecer a acessibilidade cultural, especialmente no uso de audiodescrição e legendagem LSE? *